

Gostava de agradecer ao CPM a distinção que me atribui

Acredito que não seja fácil instituir este tipo de prémio e acima de tudo mantê-lo ano após ano sem considerar que estamos a distinguir uma personalidade, mas ao mesmo tempo estamos também a deixar de distinguir outras pessoas merecedoras de tal distinção.

Nesse sentido as minhas primeiras palavras de apreço vão para todos aqueles que não foram distinguidos pelos seus atos ou feitos cinegéticos, mas que sabem que tem sido um caçador merecedor dessa distinção.

Agora que já estamos todos na mesma “armada” e prontos para sair para os postos, acho que vos posso entreter com uma pequena história de vida.

A minha história de caçador não começa há muitos anos, uma vez que as primeiras passadas foram já pelos meus pés, quando tinha carta de caçador. Nesta altura e após ter feito as primeiras jornadas de caça no terreno livre à volta da Vila de Lavre, em que a boa disposição e amizade serviam de mote para o almoço, porque caça nem vê-la, rapidamente criei a primeira Zona de Caça Associativa em Lavre, na esperança de ver os meus conterrâneos a caçar de forma ordenada, uma vez que a desorganização imperava.

Com a constituição desta zona de caça veio logo a vontade de desenvolver a mesma em termos cinegéticos e decidi ter conhecimentos na área da cinegética para aplicar medidas de gestão para o fomento da caça, tendo começado a estudar caça de forma furtiva e autónoma, passando na “Game Conservancy Trust” em Inglaterra, e pela Pós-Graduação em “Gestão Cinegética e Turismo da Natureza”.

Estávamos em 2003 e juntamente com dois amigos decidi criar a empresa Sercaça - Serviços Cinegéticos, Lda, inteiramente dedicada à consultoria, formação, gestão e venda de material cinegético.

A partir desse momento tive o prazer de passar por dezenas de zonas de caça de Norte a Sul do país. Fiz gestão, conferências e enriqueci com o setor.

MAS TAMBÉM CACEI, essencialmente no Ribatejo, Alentejo e Beiras. Além-fronteiras, estive na Escócia, Argentina e Moçambique. Em todos estes locais fui como caçador, mas sempre procurei novos conhecimentos cinegéticos.

Passaram, entretanto, mais de 25 anos, os quais foram de profunda transformação no setor:

Quando iniciei mais de 50% do território não estava ordenado, hoje temos 100% do território ordenado.

Nesse período abundavam as migradoras e na caça sedentária, havia coelhos, lebres e perdizes. Neste momento abunda a caça maior, estamos escassos de migradoras e as sedentárias só em locais pontuais.

A Lei da caça foi ultrapassada pela Lei das armas, é essa que atualmente dita as regras da caça, ou seja, define que o caçador tem de acabar, criando normas para lhes tirar as armas de caça.

As zonas de caça estão como o terreno livre de há 20 anos, são locais sem caça, com regulamentação desatualizada e que servem como mais um contribuinte para o estado.

A experiência e conhecimento que tenho do setor, permitem-me dizer que a realidade de hoje não é melhor nem pior que a realidade de há 20 anos, é apenas diferente e se nós soubermos viver as jornadas de caça que temos hoje não precisamos de ter saudosismo daquelas que já praticamos no passado.

A frase “no meu tempo é que era bom” não se aplica ao caçador nascido no século XXI, até porque ele nunca viveu as caçadas do século XX, assim sendo é na realidade atual que este caçador vive, sendo nossa responsabilidade motivar os jovens caçadores para virem ao campo conviver com a natureza, conhecer as espécies, respeitar e continuar as tradições, conviver e saber viver com uma arma na mão e caçar.

Sinto que vivemos numa sociedade cada vez mais individualista em que cada um se isola do seu ente comum. Criam-se relações, essencialmente com animais de outras espécies. O cão é o melhor exemplo disso. Todos

os cidadãos estão na disposição de ter um cão de raça de caça, mas não é para que o animal seja feliz a praticar o ato venatório. O cão existe para ser a mascote do homem que faz dele uma marionete e um companheiro para o manipular.

Bom...

O trator parou só falta sair o postor, sou eu, vou para um cabecinho onde possa ver esta jornada. Tenho um radio e faca de monteiro, mas mais do que isso estou muito bem acompanhado. Nunca consegui fazer nada sozinho, sempre precisei de ter alguém ao meu lado por isso aqui estou eu à espera de ouvir os primeiros tiros da montaria e vejo a Cecilia, a Maria, o Miguel e o Manel, cada um tem uma tarefa, todos caçam comigo. Já trouxeram diferentes amigos à caça, nenhum deles fazia ideia do que isto era, todos querem voltar. Os rapazes já tem namoradas (da cidade) que todos os fins de semana vem cá a casa, essencialmente se for uma caçada que possam acompanhar, não percebo como isto aconteceu, mas está a acontecer, hoje o Miguel saiu para uma espera com um amigo, é assim todos os dias cá em casa os meus filhos já são o meu braço direito na gestão das zonas de caça e este ano já iremos organizar mais de 70 jornadas, a Maria acompanha todas as caçadas que pode, já tem carta de caçador e é especialista nas perdizes de escabeche. Que dizer da Cecilia que é na verdade a grande sofredora. Sofre porque nos quer ver a todos bem, principalmente aos clientes que só reconhece pelo sorriso.

Os colaboradores que se iniciaram connosco são hoje gestores de caça e nossos amigos e a todos o muito obrigado pelo seu trabalho.

A montaria já está a terminar, tenho de ir recolher os postos, só me resta agradecer a todos com um grande abraço de amizade.

Nuno Carvalho Vacas